

140 - REFLEXOES TEÓRICAS SOBRE A RELAÇÃO HOMEM E NATUREZA

Fátima Almada Chavez; Valter Lúcio de Oliveira.¹

RESUMO

As várias correntes de pensamento que defendem posições em torno da relação natureza e sociedade passaram por várias transformações ao longo do tempo. Ainda é possível encontrar defensores dos extremos: os que propõem uma natureza intocada e aqueles que vêem a natureza como um "almoxarifado" a serviço da humanidade. De uma concepção a outra, se conformam muitos matizes e verifica-se com maior sedimentação a presença de posições intermediárias ou híbridas, incorporando idéias de ambos pólos para tentar constituir uma proposta conseqüente com a realidade atual. Compreender, a partir de uma revisão bibliográfica, as visões históricas predominantes sobre esta relação e promover análises em torno deste tema são os objetivos deste artigo.

Palavras chaves: **natureza, homem, antropocentrismo, ecocentrismo.**

AS CONCEPÇÕES HISTÓRICAS DA NATUREZA

A relação entre o homem e a natureza esteve marcado por diferentes concepções ao longo da história. Mencionam-se algumas que merecem destaque.

Na **Concepção Mágica** da Natureza, presente no homem pré-histórico de forma mais generalizada, tudo está pré-determinado, não existe o acaso e para cada evento há uma explicação mística. A relação do homem com a natureza é tomada como algo único, não há um afastamento deste com relação àquela.

A **Concepção Grega** inaugurou uma outra forma de racionalidade, que não precisava recorrer a forças sobrenaturais para explicar os fatos da natureza, considerando-a viva e inteligente, com alma própria e com mente própria. Já a **Concepção Mecanicista** vai apresentar o mundo não mais como um organismo e sim como uma máquina, ficando a natureza submetida ao homem. O pensamento desta época sofreu grande influência do cristianismo que apresentava "a idéia de que o homem não está situado *na* natureza, como acreditavam os gregos, mas que é transcendente a ela, é sobrenatural" (Duarte, 1986).

A **Concepção Moderna** se inicia a fins do século XVIII e vem-se consolidando até os dias atuais. Está permeada por uma complexidade de diferentes visões, onde o fundamental é o resgate histórico e a sistematização que o conhecimento científico

acumulou. Algumas de suas dimensões: as mudanças ocorrem de forma progressiva e não circular; a natureza deixou de ser mecânica; o reaparecimento da Teleologia (causas finais); a substância reduzida à função e a natureza concebida como um conjunto de processos; espaço e tempo mínimo. Ainda que aponte para a complexidade que existe na natureza tal visão está longe de dar conta desta complexidade, e quanto mais a ciência avança no conhecimento, mais se ampliam as dúvidas e se enfraquece as certezas.

OS IMPASSES COMTEMPORÂNEO

Com as agitações estudantis de 1968 nos Estados Unidos e na Europa, aparece uma nova visão da Natureza como consequência da percepção de que os problemas ambientais estavam se tornando globais. Surgem assim, rupturas entre as organizações conservacionistas formadas no início do século devido a radicalizações entre seus membros. Este novo ecologismo² nasce como forma de protesto, em um cenário de denúncias e reações às tecnologias modernas que estavam destruindo a natureza. Buscavam-se formas alternativas de vida que pregoavam desde o retorno a um modo existencial primitivo, convivendo com princípios de práticas naturais³, até protestos radicais contra os promotores dos impactos na natureza.

Diegues (1996) e Ferry (1994) classificam os debates teóricos sobre em duas correntes distintas⁴ no que se refere a relação homem-natureza.

1. **Antropocentrismo**: a natureza é um objeto a serviço do homem, e portanto, não tem um valor em si mesma. Quem tem que ser protegido é o homem, e a proteção do seu meio, é sempre visando a integridade da vida humana. Está implícito nesta visão um antagonismo homem-natureza e seus apologistas sugerem que uma melhor distribuição da riqueza melhoraria a situação das populações mantendo as áreas naturais protegidas apenas se tiver um fim utilitário para a humanidade

¹ Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR/ UFRGS, Mestrados. End. Av. João Pessoa, 31 – 90040.000 – Porto Alegre – RS – Brasil Fone/Fax: (51) 33163281 E-mails: fatialmada@latinmail.com

² É importante acrescentar o significado apresentado por estos autores sobre ecologismo, sendo esta "una ciencia natural, como puede concebirse de forma 'naturalista' sólo como una parte de la biología o de forma más ambiciosa y globalista como ciencia interdisciplinaria de la biosfera. El término fue introducido en 1866 por Ernst Haeckel, discípulo alemán de Charles Darwin y fundador del movimiento monista. Etimológicamente significa ciencia del hábitat y Haeckel lo empleaba como totalidad de la ciencia de las relaciones del organismo con su medio ambiente, que comprende, en sentido amplio, todas las condiciones de existencia".

³ Como foi o caso da formação de Vilas na Califórnia, USA.

⁴ Ferry apresenta uma terceira, a utilitarista onde além dos interesses humanos se busca a quantidade de bem-estar para todos os seres vivos. A ideia propõe diminuir ao máximo os sofrimentos no mundo. Trata-se basicamente da reivindicação do direito dos animais

2. **Econcêntrica**⁵: Aqui é o cosmo quem deve ser protegido das ações do homem. Neste sentido, a natureza é vista desde sua totalidade adquirindo direitos e um valor intrínseco. O homem é igual aos outros seres vivos. Caracterizou-se por apresentar uma postura radical cujos principais defensores foram Aldo Leopold na USA, Hans Jonas na Alemanha e Michel Serres na França. Questiona radicalmente o antropocentrismo e suas raízes humanistas atribuindo-lhe conseqüências desastrosas⁶. Um dos pressupostos era reduzir a quantidade absoluta de pessoas é defender a criação de áreas naturais protegidas.

Sobre estas correntes os autores Catherine e Raphael Larrère (1997) afirmam que *"onde o antropocentrismo organiza uma representação da natureza instrumentalizada em torno do fim último que é a humanidade, o biocentrismo opera uma descentralização eficaz: se esta diante de uma pluralidade, de uma infinita dispersão de centros de vida que valorizam o seu meio ambiente e se valorizam a si mesmos, todos por igual"*.

Com o transcurso do tempo, esta radicalização diminuiu, devido em parte, à introdução do conceito de "contrato natural" de Michel Serres onde se propõe assinatura de um contrato em que se aceita a natureza como sujeito de direito, e onde o homem assume sua relação de dependência, e portanto, de obrigações para com ela.

Larrère e Larrère (1997) partem do princípio de que a harmonia no meio natural é tanto igual nas sociedades humanas e que as perturbações antropogênicas não são necessariamente catastróficas e mostra também que o mito do paraíso perdido é dispensável: o homem está inserido na natureza (uma natureza de que ele depende, mas que já transformou e continuará a transformar). Estes autores Introdzem um novo compromisso do homem com a natureza, baseado na aceitação do papel de cada um no mundo, apontando que *"é preciso conceber um bom uso, uma atividade industrial que respeite a natureza na sua diversidade, informada pela ecologia, e que sujeite a técnica a uma ética, onde o valor da natureza seja reconhecido, usando-a e respeitando-a"* (LARRÈRE E LARRÈRE, 1997). Admite-se que as relações humanas com a natureza não dependem só de capacidades técnicas, mas envolvem normas éticas.

Segundo Larrère e Larrère (1997), Aldo Leopold⁷ não vê nenhuma ruptura entre a natureza e a sociedade, mas uma continuidade onde todas as culturas são uma maneira

⁵ Conhecida também com o biocêntrica ou ecologia profunda.

⁶ Teve grande influência na formação ideológica de organizações como Greenpeace ou Earth First e alguns partidos verdes da Europa

⁷ Aldo Leopold foi um silvicultor especializado na proteção da fauna selvagem em Madison, USA. Autor do *Almanaque de um Condado de Areias (Sand country Almanach)* publicado em 1948 onde desenvolve uma visão da natureza, informada pela ecologia, que o leva à formulação de uma *land ethic* (Larrère e Larrère, 1997)

de se situar na natureza. Leopold tentou definir regras de comportamento, isto é, uma ética que implica o respeito pela comunidade como tal. Não se trata de definir regras morais universais, mas de convidar a "comportar-se bem" em função das circunstâncias.

Este princípio de equilíbrio ideal, ao qual Leopold queria atingir, foi re-pensado por Larrère e Larrère, apontando à equivalência entre diversidade e estabilidade onde em vez de considerar a estabilidade como um fim e a diversidade como um meio, inverte os valores sendo a biodiversidade o fim e a estabilidade seu meio. Assim uma coisa torna-se justa quando tende a preservar ou aumentar a diversidade biológica, considerando a diversidade genética das populações, a heterogeneidade das paisagens e suas adaptações⁸. Com esta visão, o antropocentrismo e ecocentrismo podem convergir na conveniência da diversidade para a natureza, servindo de critério para avaliar o impacto das intervenções humanas nos sistemas ecológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se com este trabalho, apresentar uma visão histórica e panorâmica das diferentes concepções sobre a relação homem e natureza, considerando os paradigmas que marcaram épocas e as diferentes visões que vigoram atualmente. Nestas considerações finais acrescenta-se que não há justificativas coerentes que legitimem posturas extremas como respostas aos problemas que as diferentes sociedades enfrentam, tanto com relação às questões ambientais quanto sociais. Como salienta Gonçalves (1998), a harmonia do homem para com a natureza, pressupõe uma harmonia na relação dos homens entre si.

BIBLIOGRAFIA

- BOURG, D. *Natureza e Técnica: Ensaio sobre a Idéia de Progresso*. Lisboa : Instituto Piaget, 1998.
- COLLINGWOOD, R. G. *Ciência e filosofia : a idéia de natureza*. Lisboa, Editorial Presença, 5ª ed., s. d.
- DIEGUES, A. C. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo, Hucitec : 1996. pp.39-73
- DUARTE, R. A. de P. *Marx e a Natureza em o Capital*. São Paulo: Edições Loyola, 1986. 110 p.
- FERRY, L. *A nova ordem ecológica : a árvore, o animal o homem*. São Paulo : Ensaio, 1994. pp. 07-29; 95-128.
- GONÇALVES, C. W. P. *Os (des) caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1998. 148p.

⁸ Aqui a adaptação não é retomar um estado de equilíbrio, mas modificar o seu comportamento.

Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia

- KESSELRING, T. *O conceito de natureza na historia do pensamento ocidental*. In: Episteme. Porto Alegre : IFCH/UFRGS, jul-dez 2000. n. 11. pp. 153-172.
- LARRÈRE, C e LARRÈRE, R. **Do Bom Uso da Natureza : Para uma filosofiado meio ambiente**. Lisboa, Piaget : 1997. pp.317-347.